

**Grant R. Osborne**



# A Espiral Hermenêutica

**uma nova abordagem  
à interpretação bíblica**

  
VIDA NOVA

# SUMÁRIO



Sumário .....	7
Abreviaturas e siglas .....	17
Prefácio à segunda edição .....	19
Agradecimentos .....	23
<b>Introdução .....</b>	<b>25</b>
A hermenêutica e o significado pretendido .....	29
A interpretação e o problema da distância .....	29
Inspiração e Autoridade das Escrituras .....	31
O significado depende do gênero do texto .....	32
Simplicidade e clareza das Escrituras .....	32
Unidade e diversidade das Escrituras .....	34
Analogia das Escrituras .....	34
Papel do leitor na interpretação .....	35
Pregação expositiva .....	36
Conclusão .....	37
<b>Parte 1: Hermenêutica geral .....</b>	<b>41</b>
<b>1. Contexto .....</b>	<b>43</b>
Contexto histórico .....	43
Contexto lógico .....	45
1. Estudo do todo: mapa de um livro .....	47
2. Estudo das partes: diagrama do parágrafo .....	54
Padrões de retórica ou de composição .....	62
<b>2. Gramática .....</b>	<b>69</b>
Tarefa preliminar: fixação do texto .....	71
1. Critérios externos .....	73

2. Critérios internos.....	75
Análise gramatical do texto.....	78
1. Desenvolvimento histórico.....	79
2. Sistema verbal.....	82
3. Sistema nominal.....	88
4. Preposições, partículas e orações.....	92
Procedimentos exegéticos.....	98
<b>3. Semântica.....</b>	<b>101</b>
Falácias semânticas.....	103
1. Falácia lexical.....	103
2. Falácia da raiz.....	104
3. Uso indevido da etimologia.....	108
4. Uso inadequado de significados posteriores.....	111
5. Falácia do significado único.....	112
6. Uso indevido de paralelos.....	112
7. Falácia disjuntiva.....	114
8. Falácia vocabular.....	114
9. Inobservância do contexto.....	115
Teoria básica da semântica.....	116
1. Significado.....	116
2. Sentido e referência.....	117
3. Linguística estrutural.....	119
4. Contexto.....	121
5. Estrutura profunda.....	123
6. Sintaxe e semântica.....	124
7. Espectro semântico.....	125
8. Significado conotativo.....	128
9. Campo semântico / pesquisa de paradigma: sinonímia, antonímia.....	128
e análise componencial.....	128
10. Ambiguidade e duplo significado.....	133
Conclusão: uma metodologia para estudos lexicais.....	135
<b>4. Sintaxe.....</b>	<b>140</b>
Transformações bíblicas.....	141
Quadro das proposições em Filemon 4-7.....	145
Linguagem performativa e emotiva.....	147
Figuras de linguagem.....	150
1. Figuras de comparação.....	154
2. Figuras de acréscimo ou de plenitude de expressão.....	156

3. Figuras de linguagem incompletas.....	158
4. Figuras envolvendo contraste ou atenuação.....	159
5. Figuras de associação ou relação .....	160
6. Figuras que sublinham a dimensão pessoal .....	161
Conclusão.....	161
Exemplos bíblicos .....	162
1. <i>Sofonias 3.14-17</i> .....	163
2. <i>Efésios 3.16-19</i> .....	167
Conclusão.....	173
Digressão sobre a gramática transformacional.....	175
Digressão sobre a crítica retórica .....	179
1. Padrões retóricos clássicos.....	181
2. Um método para a crítica retórica.....	184
3. Análise do discurso e linguística textual.....	187
Digressão sobre o debate da linguagem inclusiva.....	191
<b>5. Pano de fundo histórico e cultural.....</b>	<b>198</b>
Áreas de pesquisa .....	202
1. Geografia .....	202
2. Política.....	203
3. Economia.....	203
4. Força militar e guerra .....	204
5. Práticas culturais .....	205
6. Costumes religiosos .....	208
7. Resumo.....	209
Fontes específicas para o material de pano de fundo .....	210
1. Alusões ao Antigo Testamento.....	210
2. Alusões intertestamentais.....	211
3. Paralelos de Qumran .....	212
4. Paralelo rabínico.....	213
5. Paralelo helenístico .....	215
6. Resumo.....	216
A sociologia como uma ferramenta para interpretar as Escrituras.....	217
Problemas na abordagem sociológica .....	219
1. Uso impróprio de modelos.....	219
2. Revisionismo.....	220
3. Tendência de generalizar.....	221
4. Pobreza de dados.....	221
5. Tendência de desmerecer os sistemas .....	222
6. Reduccionismo.....	222

7. Desordem teórica .....	223
8. Determinismo.....	223
Avaliação e metodologia .....	224
<b>Parte 2: Análise do gênero.....</b>	<b>227</b>
<b>6. Lei do Antigo Testamento.....</b>	<b>229</b>
Usos do termo <i>tôrâ</i> no Antigo Testamento.....	234
Códigos ou compilações da lei.....	235
Puro e impuro .....	241
Sistema sacrificial.....	245
O Antigo Testamento e os santos do Novo Testamento .....	251
<b>7. Narrativa.....</b>	<b>254</b>
Interpretando a narrativa bíblica .....	255
1. Crítica da fonte.....	255
2. Crítica da forma.....	256
3. Crítica da redação.....	256
Metodologia da crítica da narrativa.....	257
1. Autor e narrador implícitos .....	258
2. Ponto de vista, ideologia e mundo narrativo .....	260
3. Tempo da narrativa e da história .....	262
4. Enredo .....	263
5. Caracterização e diálogo .....	265
6. Cenário .....	266
7. Comentário implícito .....	267
8. Leitor implícito.....	269
9. Conclusão.....	271
Pontos fracos da crítica da narrativa .....	271
1. Tendência des-historicizante .....	271
2. Desconsideração do autor .....	273
3. Negação do significado referencial ou pretendido .....	274
4. Pensamento reducionista e disjuntivo .....	274
5. Imposição de categorias literárias atuais em gêneros antigos.....	274
6. Obsessão por teorias obscuras.....	275
7. Desconsideração da interpretação da igreja primitiva .....	276
8. Conclusão.....	276
Princípios metodológicos para estudar textos narrativos .....	276
1. Análise estrutural .....	277
2. Análise estilística .....	277

3. Análise redacional.....	278
4. Análise exegetica .....	280
5. Análise teológica.....	280
6. Contextualização.....	281
7. Forma narrativa e sermão.....	282
<b>8. Poesia .....</b>	<b>284</b>
Estrutura dos salmos.....	285
Forma da poesia hebraica.....	286
1. Padrões de métrica .....	287
2. Paralelismo.....	288
3. Linguagem e imagem poéticas.....	294
Tipos de poesia.....	296
1. Cânticos de guerra.....	296
2. Cânticos de amor.....	296
3. Lamento.....	297
4. Hinos ou cânticos de louvor.....	298
5. Hinos de ação de graças .....	299
6. Cânticos de celebração e afirmação .....	300
7. Salmos de sabedoria e didáticos.....	301
8. Salmos imprecatórios .....	301
Poesia no Novo Testamento .....	302
Teologia nos salmos .....	303
Princípios hermenêuticos .....	305
<b>9. Sabedoria .....</b>	<b>309</b>
Características da sabedoria .....	310
1. Uma orientação prática .....	310
2. Dependência de Deus.....	312
3. Autoridade indireta.....	313
4. Teologia da criação .....	314
Formas da literatura sapiencial.....	315
1. Provérbio .....	315
2. Ditados .....	316
3. Enigma .....	317
4. Admoestação .....	317
5. Alegoria.....	318
6. Hinos e orações .....	318
7. Diálogo.....	319

8. Confissão.....	319
9. Onomástica.....	319
10. Bem-aventuranças .....	320
Sabedoria no Novo Testamento.....	320
Princípios hermenêuticos .....	320
Digressão: a história do ensino da sabedoria .....	325
<b>10. Profecia .....</b>	<b>330</b>
Natureza do papel profético .....	332
1. O chamado do profeta .....	332
2. O complexo papel do profeta .....	333
Natureza da mensagem profética .....	338
1. Interação entre presente e futuro .....	338
2. Situação revelatória diferente.....	341
3. Várias formas de proclamação profética.....	342
Princípios hermenêuticos .....	345
<b>11. Apocalíptica .....</b>	<b>351</b>
Elementos e características formais .....	352
1. Elementos formais.....	352
2. Características .....	358
Interpretação dos símbolos.....	361
Princípios hermenêuticos .....	363
Digressão: as origens do gênero apocalíptico .....	368
<b>12. Parábola .....</b>	<b>371</b>
Significado e uso das parábolas.....	372
Objetivo das parábolas .....	375
Características das parábolas.....	377
1. Concretude .....	377
2. Concisão.....	378
3. Pontos mais e menos importantes .....	378
4. Repetição.....	379
5. Conclusão final.....	380
6. Ligação com o ouvinte.....	381
7. Reversão de expectativa.....	381
8. Escatologia centrada no reino .....	383
9. Ética do reino .....	384
10. Deus e a salvação nas parábolas.....	385

Princípios hermenêuticos .....	385
Digressão: a história da interpretação .....	393
<b>13. Epístola.....</b>	<b>398</b>
Redação de cartas no mundo antigo.....	398
Epístolas do Novo Testamento .....	402
1. Forma .....	402
2. Autoria.....	406
Princípios hermenêuticos .....	407
<b>14. O Antigo Testamento no Novo Testamento.....</b>	<b>412</b>
O cânon e a Septuaginta .....	412
Padrões exegéticos judaicos .....	414
1. Targuns .....	414
2. Midrash .....	415
3. Interpretação do <i>peshet</i> em Qumran .....	417
Técnicas de apropriação .....	418
1. Tipologia .....	418
2. Alegoria.....	420
3. Reorientação do texto para novos significados .....	421
Um método para compreender o uso do AT no NT.....	423
1. Significado original .....	424
2. Interpretação judaica .....	424
3. Significado no contexto do Novo Testamento.....	424
Tendências no uso do AT no NT .....	425
1. Mateus .....	425
2. João .....	427
3. Atos .....	429
4. Paulo.....	431
5. Hebreus .....	434
6. Apocalipse.....	436
Conclusão.....	439
<b>Parte 3: Hermenêutica aplicada .....</b>	<b>441</b>
<b>15. Teologia bíblica.....</b>	<b>443</b>
Relação com outras disciplinas .....	447
1. Teologia bíblica e exegese .....	447
2. Teologia bíblica e teologia histórica .....	449
3. Teologia bíblica e teologia sistemática .....	451
4. Teologia bíblica e teologia homilética .....	455



Áreas com problemas específicos .....	456
1. Unidade e diversidade .....	456
2. História da tradição .....	458
3. Teologia e cânon .....	459
4. Analogia <i>fidei</i> e revelação progressiva.....	462
5. Autoridade.....	464
6. História e teologia .....	465
7. Linguagem, texto e significado .....	467
8. Antigo e Novo Testamento.....	468
Rumo a uma metodologia .....	469
1. Método sintético.....	470
2. Método analítico.....	470
3. Método da história das religiões .....	471
4. Métodos diacrônicos e da crítica da tradição .....	472
5. Método cristológico .....	473
6. Método confessional .....	474
7. Método narrativo.....	474
8. Método múltiplo.....	475
9. O problema de um centro unificador.....	476
Conclusão .....	478
<b>16. Teologia sistemática .....</b>	<b>480</b>
Componentes da construção teológica .....	482
1. Escrituras.....	483
2. Tradição.....	487
3. Comunidade .....	491
4. Experiência.....	492
5. Filosofia.....	494
Temas para a construção teológica.....	497
1. Inspiração/revelação.....	497
2. A questão da metáfora.....	498
3. Modelos teológicos .....	504
4. Provisoriamente e autoridade das afirmações teológicas .....	510
5. Teologia como contextualização .....	513
6. Verificação ou validação das afirmações teológicas.....	514
7. Política das tomadas de decisão teológica .....	516
8. Virada pós-moderna .....	519
9. Método teológico e teologia sistemática.....	522
Princípios hermenêuticos .....	525

<b>17. Homilética 1: contextualização .....</b>	<b>530</b>
Exemplos bíblicos .....	532
Questões atuais .....	536
Normas culturais e supraculturais nas Escrituras .....	543
Modelo hermenêutico.....	546
Princípios para determinação de conteúdo supracultural .....	548
Um método para contextualização .....	551
Desenvolvendo uma cultura eclesial transformada.....	556
Conclusão.....	557
<b>18. Homilética 2: sermão .....</b>	<b>561</b>
O lugar do Espírito Santo .....	562
Uma experiência devocional .....	565
Uma teologia bíblica da pregação .....	567
Do texto ao sermão.....	568
Princípios que determinam a aplicação .....	569
Métodos práticos de aplicação do texto .....	573
1. Focando as reivindicações da verdade .....	574
2. Sugestão de métodos e meios.....	575
3. Persuasão e motivação .....	580
Conclusão.....	581
Nível 1. Significado/interpretação.....	582
Nível 2. Interpretação/relevância .....	584
Nível 3. Contextualização/aplicação .....	585
Nível 4: Preparando o sermão .....	586
Digressão sobre preparação de sermões.....	587
1. Desenvolva uma declaração tese (proposicional) .....	587
2. Faça um esboço do sermão .....	588
3. Reformule o corpo do sermão .....	590
4. Prepare a introdução e conclusão .....	590
Digressão sobre estilo.....	592
1. Pregação narrativa.....	592
2. Estilo da apresentação.....	593
3. Retórica e elocução .....	596
<b>Apêndice 1 – O problema do significado: as questões .....</b>	<b>598</b>
O problema do leitor e do texto.....	600
1. Hermenêutica centrada no autor.....	601
2. Movimento para longe do texto-autor: Gadamer .....	602

3. Estruturalismo .....	606
4. Pós-estruturalismo.....	610
5. Crítica resposta do leitor ( <i>reader-response</i> ).....	614
6. Desconstrucionismo .....	619
7. Conclusão .....	628
Posições mediadoras .....	629
1. Paul Ricoeur .....	630
2. Abordagens crítico-canônicas .....	632
3. Wittgenstein e seus seguidores.....	634
4. O retorno do autor: Betti, Hirsch, Juhl.....	636
Resumo.....	640
<b>Apêndice 2 – O problema do significado: chegando a uma solução.....</b>	<b>642</b>
Significado e referência: a contribuição da filosofia analítica.....	642
Sociologia do conhecimento, estrutura paradigmática e intencionalidade .....	648
1. Sociologia do conhecimento .....	648
2. Mudança de paradigma e comunidades paradigmáticas .....	650
3. Intencionalidade .....	653
4. Teoria das probabilidades.....	655
5. Realismo crítico .....	657
Verdade proposicional e lógica da narratividade.....	658
Uma abordagem de campo à hermenêutica.....	662
Bibliografia .....	669
Índice temático.....	750
Índice de textos bíblicos e outros escritos antigos .....	753

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO



**N**ão há maior privilégio nem alegria do que estudar a Palavra de Deus. Quando nos damos conta de que Deus nos amou o bastante para não apenas enviar seu Filho como sacrifício expiatório pelos nossos pecados, mas também se importou tanto conosco, que nos revelou suas verdades para desafiar e orientar nossa vida, ficamos pasmos de ver como merecemos pouco diante do muito que ele fez por nós! Há somente um conjunto de verdades absolutas neste mundo, e não é a matemática nem a ciência (pois nem todas as leis da física valem para um quasar ou para um buraco negro), mas apenas a Palavra de Deus. Nela se encontram de fato os princípios eternos que foram estabelecidos com o propósito de nos conduzir ao longo desta vida. Portanto, estudar a Palavra de Deus com a máxima atenção é tanto um privilégio quanto uma responsabilidade. Como cristão, deixar de estudar a revelação inspirada equivale a recusar conhecer as leis do país em que vivemos e, assim, infringi-las de modo impune. É um ato que fatalmente trará consequências catastróficas, pois significa que não damos importância para as regras às quais prometemos obedecer por sermos cidadãos do nosso país — seja o Brasil, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, ou o céu (cf. Fp 3.21).

O propósito deste livro é proporcionar um panorama abrangente dos princípios hermenêuticos que regem a leitura de qualquer livro, mas em particular se destina ao estudo e à compreensão da Bíblia, a Palavra de Deus. Gosto de usar uma metáfora culinária: quero ensinar meus alunos a prepararem uma refeição de alta qualidade com a Palavra, de modo que possam fornecer alimento sólido para as pessoas que estiverem sob seus cuidados (cf. Hb 5.14). De uma coisa tenho certeza: os cristãos querem se alimentar, e meu alvo é capacitar pastores e professores nas igrejas, para que saibam descobrir essas verdades bíblicas preciosas e transformá-las em sermões e estudos bíblicos para o rebanho que Deus lhes confiou.

Fiquei agradavelmente surpreso e gratificado diante da maneira como o Senhor usou a primeira edição deste livro nos últimos quinze anos. Chegou a hora de atualizá-lo

e acrescentar material que surgiu durante esse intervalo de tempo. Não há estudante que não fique admirado ao ver a quantidade de coisas impressas a cada ano. Estamos vivendo na época da maior explosão de conhecimentos de toda a história. Qualquer pessoa que tenha um computador sabe disso. Nossos conhecimentos nas áreas bíblica e teológica praticamente dobraram ou até triplicaram nas últimas décadas. Nunca foram publicados tantos comentários, dicionários, enciclopédias e artigos como nos últimos anos. Só para atualizar este livro, para que refletisse os últimos quinze anos (1991-2006) de estudos acadêmicos, tive de acrescentar mais de trezentos títulos à bibliografia.

Informo agora o que foi acrescentado a esta nova edição. Primeiro, há dois capítulos completamente novos que trazem informações que precisavam fazer parte do livro: (1) “A interpretação da Lei” (Cap. 6) mostra como interpretar as passagens da Torá do Pentateuco, incluindo os códigos legais, as regras acerca de coisas e pessoas puras e impuras, e o sistema sacrificial. (2) “O Antigo Testamento no Novo Testamento” (Cap. 14) procura auxiliar o estudioso que se dedica a entender os vários contextos e aplicações das passagens do Antigo Testamento citadas pelos escritores do Novo. Isso inclui o uso que fazem de paradigmas, como os que podemos encontrar na Septuaginta, nos Targuns, nos Midrash e nos textos de Qumran. O capítulo mapeia técnicas como tipologia, alegoria e novos sentidos, apresentando um método para entender como os autores do Novo Testamento usavam a Antiga Aliança, e fornece exemplos extraídos das principais evidências, tais como Mateus, João, Atos, Paulo, Hebreus e Apocalipse.

Em segundo lugar, acrescentei novas seções dentro de capítulos que já existiam: (1) Incluí na introdução duas subdivisões intituladas “A interpretação e o problema da distância” e “O papel do leitor na interpretação”. (2) Incluí no capítulo dois (“Gramática”) informações importantes na seção “Análise gramatical do texto” e uma conclusão, além de uma nova seção sobre a teoria do aspecto. (3) Acrescentei ao capítulo quatro (“Sintaxe”) uma seção sobre “Análise do discurso e linguística do texto” e um “Excurso sobre o debate acerca da linguagem inclusiva”. (4) No capítulo cinco (“Contextos históricos e culturais”), atualizei quase todas as seções, incluindo dados importantes mais recentes. (5) Acrescentei ao capítulo sete (“Narrativa”) uma subdivisão intitulada “Interpretando a narrativa bíblica”, sobre as críticas da fonte, da forma e da redação. (6) Ao capítulo oito (“Poesia”) incorporei a subdivisão “A estrutura dos salmos”. (7) Acrescentei ao capítulo nove (“Sabedoria”) informações fundamentais sobre a interpretação do Eclesiastes. (8) Ao capítulo dez (“Profecia”) adicionei dados importantes sobre o desenvolvimento da tradição profética, além de breves seções sobre o “lamento profético” e a leitura canônica ou sincrônica.

(9) Incorporei ao capítulo onze (“Apocalíptica”) dados sobre a “Recriação do cosmos”, a cosmovisão do livro de Apocalipse e a interpretação de símbolos. (10) Incluí no capítulo doze (“Parábola”) informações essenciais sobre a “História da interpretação”. (11) Ao capítulo quinze (“Teologia bíblica”) acrescentei muita coisa à introdução sobre o desenvolvimento histórico da teologia bíblica, além de uma seção sobre o “Método narrativo”. (12) Adicionei ao capítulo dezesseis (“Teologia sistemática”) seções importantes sobre “A virada pós-moderna” e “Método teológico”. (13) Incluí no capítulo dezessete (“Homilética I: contextualização”) uma subdivisão intitulada “Desenvolvendo uma cultura eclesial transformada”. (14) Ao capítulo dezoito (“Homilética II: o sermão”) incorporei uma subdivisão chamada “Uma teologia bíblica da pregação”.

Por fim, ao longo de todo o livro atualizei e refiz seções sob a perspectiva de novos dados e descobertas nos diferentes campos de conhecimento. Por exemplo, não acrescentei novas seções a nenhum dos dois apêndices sobre questões filosóficas em torno do pensamento de que é possível descobrir o significado original de um texto, mas incorporei uma boa quantidade de dados extraídos de autores como Anthony Thiselton, Kevin Vanhoozer e Nicholas Wolterstorff. O volume de informações surgidas nessa área nos últimos quinze anos é de tirar o fôlego!

Como consequência dessas revisões, atualizações e acréscimos, espero que a segunda edição se revele um importante passo na tarefa da hermenêutica e venha a servir à igreja com mais fidelidade do que a primeira edição.

*Grant Osborne*  
19 de junho de 2006



## AGRADECIMENTOS



Quando se leva sete anos para escrever um livro, o nome de muitos que ajudaram nos primeiros anos acaba fugindo à lembrança. Assim, peço desculpas a qualquer pessoa que, em virtude de minha limitação humana, não seja mencionada aqui. Tanta gente colaborou com este livro, que só posso torcer para que o nome da maioria seja mencionado. As secretárias que digitaram partes do manuscrito: Sherry Kull, Ruth Jones, Ingrid Chitwood e Jessica Langenham. Pesquisadores assistentes que ajudaram com as investigações: Lois Fuller, Bruce Fisk, Dennis Fisher, Gerald Barber, David Palm, Andreas Köstenberger e Justin Fuhrman. Minha gratidão especial a Andreas, que preparou os índices e andou a segunda milha no cumprimento dos prazos. Outra palavra de agradecimento a Mark Hendricksen, cujo talento com ilustrações gráficas representou um grande apoio, ajudando-me a visualizar o material e a preparar muitos diagramas usados neste livro. Minha gratidão também aos meus colegas que apresentaram críticas a partes do livro e aumentaram muito a qualidade da obra: Dennis Magary, David Howard, Kevin Vanhoozer, John Feinberg e Dan Block. Quaisquer erros neste livro devem ser atribuídos a mim, não a eles! Por fim, dois maravilhosos períodos sabáticos foram uma grande ajuda para minha pesquisa: um ano na Universidade de Marburgo, na Alemanha, e cinco meses na Tyndale House, em Cambridge, Inglaterra. As excelentes bibliotecas das duas instituições foram um privilégio e uma alegria para minha pesquisa. Além disso, minha profunda gratidão à Trinity Evangelical Divinity School por me conceder os dois períodos sabáticos.





















## O SIGNIFICADO DEPENDE DO GÊNERO DO TEXTO

Conforme meu argumento no Apêndice 2 e na seção sobre hermenêutica especial (cf. parte 2), o gênero ou tipo de literatura em que se encontra determinada passagem fornece “as regras dos jogos de linguagem” (Wittgenstein), ou seja, os princípios hermenêuticos pelos quais se interpreta o texto. É óbvio que não interpretamos ficção da mesma forma que interpretamos poesia. E ninguém procuraria nos textos de sabedoria da Bíblia a mesma estrutura dos trechos proféticos. Mas isso também dá espaço para muitos debates, uma vez que existem importantes justaposições entre os gêneros. Por exemplo, há longos trechos de livros proféticos que contêm poesia, enquanto outros trechos contêm linguagem apocalíptica. Há elementos epistolares na literatura apocalíptica (tais como os de Ap 2—3) e linguagem apocalíptica nos evangelhos (e.g., o sermão do monte das Oliveiras, Mc 13 e paralelos) e nas epístolas (como em 2Ts 2).<sup>2</sup> É por isso que alguns estudiosos põem em dúvida a validade do gênero como recurso interpretativo, afirmando que a mistura de gêneros torna impossível que eles sejam detectados com clareza suficiente para serem usados como ferramentas hermenêuticas. Todavia, o próprio fato de que é possível detectar trechos apocalípticos ou poéticos dentro de outros gêneros prova a viabilidade do método (cf. mais argumentos em Osborne 1984).

A questão do gênero é um importante elemento no debate sobre a possibilidade de recuperar o significado pretendido pelo autor (Hirsch chama isso de “gênero intrínseco”). Todos os escritores expressam sua mensagem dentro de um determinado gênero, para que os leitores tenham regras suficientes pelas quais possam decodificá-la. Essas indicações orientam o leitor (ou ouvinte) e fornecem pistas para a interpretação. Quando Marcos registrou a parábola do semeador contada por Jesus (Mc 4.1-20), ele inseriu num contexto e num meio que facilitaríamos uma comunicação adequada com seus leitores. Podemos recuperar aquele significado se entendermos o funcionamento das parábolas (cf. Capítulo 12) e dos símbolos dentro do contexto de Marcos.

## SIMPLICIDADE E CLAREZA DAS ESCRITURAS

Desde os últimos anos do período patrístico com sua *regula fidei* (“regra de fé”), a igreja tem lutado com a “perspicuidade (ou clareza) das Escrituras”, ou seja, se elas estão realmente ao alcance da compreensão humana. Não é à toa que os estudiosos da Bíblia são sempre acusados de tirar do leitor comum o acesso às Escrituras. Depois

---

<sup>2</sup> Tenho acompanhado os debates a respeito de Marcos 13 ou 2Tessalonicenses 2 serem de fato apocalípticos, mas estou usando o consenso tradicional para fins ilustrativos.

que um texto é dissecado e submetido a uma legião de teorias acadêmicas, o não-especialista exclama com tristeza: “Tudo bem, mas o que isso tem a ver comigo? Eu consigo estudar esse texto?”. Com toda certeza, a própria consciência da multidão de opções de interpretação de passagens bíblicas é o grande choque que atinge os calouros de seminários e faculdades. Fica até difícil culpar uma pessoa se, depois de olhar para a profusão de possíveis interpretações sobre praticamente todas as declarações bíblicas, ela deixar de afirmar o princípio de que é fácil compreender as Escrituras! Isso, porém, é confundir os princípios da hermenêutica com a mensagem do evangelho em si. O que é complexo é o exercício de transpor o abismo entre a situação original e os nossos dias, não o significado que resulta disso.

Lutero (em *A escravidão da vontade*) proclamou a clareza básica das Escrituras em duas áreas: clareza externa, que ele chamou de aspecto gramatical, obtida pela aplicação das leis da gramática (princípios hermenêuticos) ao texto; e a clareza interna, que ele chamou de aspecto espiritual, obtida quando o Espírito Santo ilumina o leitor no ato da interpretação. Ao falar de clareza, é óbvio que Lutero se referia ao produto final (a mensagem do evangelho) e não ao processo (a recuperação do significado de textos específicos). Porém, no século passado, a aplicação da teoria do realismo do senso comum da Escola Escocesa às Escrituras levou muitos a admitir que qualquer um poderia entender sozinho a Bíblia, e que a superfície do texto por si só é suficiente para produzir significado. Portanto, a necessidade de princípios hermenêuticos para transpor o abismo cultural foi desprezada, e as interpretações individuais se multiplicaram. Por alguma razão, ninguém percebeu que isso dava margens a significados múltiplos e, de vez em quando, em heresias. O princípio da perspicuidade foi estendido também ao processo hermenêutico, o que causou equívocos na interpretação popular das Escrituras e uma situação que ainda hoje é bem complicada. Como disciplina, a hermenêutica exige um processo de interpretação complexo, para que se traga à tona a clareza original da Bíblia. Assim, mais uma vez, o resultado fica claro, mas o processo, não; isso também deveria orientar os sermões!

Assim, todas essas coisas são muito confusas, e a pessoa comum tem todo o direito de perguntar se a compreensão da Bíblia é algo que cada vez mais está ficando reservado para a elite acadêmica. Eu diria que não. Em primeiro lugar, há diferentes níveis de compreensão: devocional, estudo bíblico básico, homilético, dissertações e teses. Cada nível tem seu valor e seu processo. Além disso, qualquer pessoa tem o direito de aprender os princípios hermenêuticos que se aplicam a esses vários níveis. Basta querer. Eles não estão reservados a “elite” alguma, mas à disposição de quem tiver interesse e vontade de aprendê-los. Os fundamentos da hermenêutica podem e

devem ser ensinados no contexto da igreja local. Ao longo deste livro, espero poder tratar dos vários níveis de compreensão.

## UNIDADE E DIVERSIDADE DAS ESCRITURAS

A incapacidade de chegar a um equilíbrio entre esses dois aspectos interdependentes tem levado tanto os evangélicos (que destacam a unidade) quanto os não-evangélicos (que destacam a diversidade) a interpretar mal as Escrituras. A diversidade é exigida pela organização analógica da linguagem bíblica. Como poucos livros na Bíblia se dirigem a situações semelhantes, há uma grande variedade de vocabulários e ênfases. Ademais, a própria doutrina da inspiração nos obriga a reconhecer por trás dos textos a personalidade de cada autor sagrado. Cada escritor se expressa de formas distintas, com diferentes ênfases e diversas figuras de linguagem. Por exemplo, João usa a linguagem do “novo nascimento” para expressar o conceito da conversão, enquanto Paulo prefere a imagem da adoção. Paulo também dá destaque à fé que, sozinha, pode levar à conversão, mas Tiago enfatiza as obras que, sozinhas, são indicadoras de uma fé verdadeira. Essas ênfases não são contraditórias, mas apontam para uma pluralidade decorrente de diversos escritores.

A questão é se as diferenças são irreconciliáveis ou se uma unidade mais profunda está por trás das diversas faces das várias tradições de Israel e da igreja primitiva. Por isso não devemos nos atrever a sobrevalorizar a unidade das Escrituras, a ponto de eliminar as ênfases individuais, quer de Paulo, quer de Tiago. Isso pode acarretar um uso errado de paralelos, de forma que um autor (digamos, Paulo) é interpretado com base em outro (Tiago), resultando num entendimento errôneo. Seja como for, existe uma unidade fundamental por trás das diferentes expressões. O conceito de diversidade é a espinha dorsal da teologia bíblica, a qual, penso eu, é o vínculo indispensável entre a exegese e a teologia sistemática (centrada na unidade). Mesmo sendo fato que o finito ser humano jamais produzirá um “sistema” absoluto da verdade bíblica, não se pode dizer que a verdade das Escrituras jamais poderão ser “sistematizadas”. O segredo está em permitir que o sistema venha do texto pela via da teologia bíblica e em buscar categorias bíblicas que possam resumir a unidade que está por trás das diversas expressões das Escrituras.

## ANALOGIA DAS ESCRITURAS

Em contraposição à *regula fidei* (“regra de fé”) da Igreja Católica Romana, Lutero propôs a *analogia fidei* (“analogia da fé”). Ele se opunha à supremacia da tradição eclesial e cria que somente a Bíblia deveria definir os dogmas. Com base na unidade e clareza das Escrituras, ele propôs que as doutrinas básicas precisavam ser

coerentes com o ensino integral das Escrituras e não contradizê-lo. Todavia, para Lutero, o sistema ainda mantinha certo predomínio. E Calvino deu o passo definitivo, apresentando como alternativa o princípio da *analogia scriptura* (“analogia das Escrituras”). As palavras de Milton Terry continuam válidas: “Nenhuma declaração isolada ou passagem obscura de um livro pode revogar uma doutrina que é claramente estabelecida por muitas passagens” (1890:579). Eu reforçaria essas palavras acrescentando que as doutrinas não devem ser formuladas em cima de uma única passagem, mas, ao contrário, devem resumir tudo o que as Escrituras afirmam sobre o tema em questão. Se não houver passagens esclarecedoras (e.g., sobre o batismo em favor dos mortos, em 1Co 15.29, ou um Hades dividido em compartimentos, em Lc 16.22-26), devemos ter cautela ao fazer uma declaração dogmática.

Além disso, todas as declarações doutrinárias (por exemplo, sobre o senhorio de Cristo ou sobre a segurança eterna) devem ser feitas com base em todos os textos que falam do assunto e não com base em textos-prova ou passagens “favoritas”. Esse tipo de abordagem leva à criação de um “cânon dentro do cânon”, fenômeno pelo qual certas passagens são subjetivamente favorecidas, em detrimento de outras, por se encaixar num sistema imposto às Escrituras e não extraído delas. É uma situação perigosa, pois se supõe que as ideias preconcebidas de determinada pessoa são mais importantes do que o próprio texto. É uma abordagem que também interpreta mal as Escrituras. Poucas declarações bíblicas são descrições teóricas — ou seja, sistêmicas — de dogmas. Ao contrário, as declarações de um autor da Bíblia aplicam uma doutrina mais ampla a uma questão particular, num contexto específico de uma igreja, e destaca aqueles aspectos do ensino mais amplo que sirvam para essa situação particular. *Analogia scriptura* é o método pelo qual isso é feito.

## **PAPEL DO LEITOR NA INTERPRETAÇÃO**

Até pouco tempo atrás, a hermenêutica não tinha dado muita atenção ao poder que o leitor exerce na construção do entendimento. Com muita frequência se diz que ler é entender, principalmente depois que a teoria da Escola Escocesa deixou a impressão de que todos temos competência para interpretar automaticamente o que lemos. Mas isso não é verdade. Todo leitor traz consigo um conjunto de “pré-conhecimentos”, isto é, crenças e ideias que compõem a herança de seus antecedentes e da comunidade que lhe serve de paradigma. Raramente lemos a Bíblia em busca da verdade: o que mais acontece é querermos harmonizá-la com nosso sistema de crenças e ver seu significado sob a perspectiva de nosso sistema teológico preconcebido (cf. o Cap. 16, “Teologia Sistemática”). Mas isso não é de todo ruim. Nossos pré-conhecimentos são nossos amigos, não inimigos. Eles fornecem um conjunto de dados com os quais

podemos construir sentido do que lemos. Por esse ângulo, somos todos intérpretes do tipo “resposta do leitor” [*reader response*]. O problema é que nosso pré-conhecimento facilmente se transforma em preconceito, um conjunto de dados “a priori” que colocam uma forma sobre a Bíblia e obrigam-na a se moldar a noções preconcebidas. Assim, até certo grau, precisamos colocar essas ideias “entre parêntesis” e permitir que o texto aprofunde ou, às vezes, desafie e até mude essas ideias previamente estabelecidas. Na condição de leitores, precisamos nos colocar diante do texto (e permitir que ele se dirija a nós), em vez de ficar por trás dele (forçando-o a ir aonde queremos). As ideias e o repertório do leitor são importantes no estudo das verdades da Bíblia, o que deve, porém, ser usado para estudar o significado e não para criar algum significado que não esteja no texto.

### **PREGAÇÃO EXPOSITIVA**

Defendo com unhas e dentes a ideia de que o alvo da hermenêutica não é a teologia sistemática, mas o sermão. O verdadeiro propósito das Escrituras não é explicação, mas exposição, não é descrição, mas proclamação. A Palavra de Deus fala a cada geração, e a relação entre significado e significação resume a tarefa da hermenêutica. Não basta recriar o significado original pretendido de determinada passagem. Precisamos elucidar sua significação para os nossos dias. Exposição significa uma mensagem baseada na Bíblia, em geral uma série que conduz a igreja através de um livro como Isaías ou Romanos. Um sermão temático pode ser expositivo, contanto que ele faça a pergunta “o que a Bíblia diz sobre este assunto?”, e em seguida conduza a congregação através do que a Palavra de Deus revela sobre o assunto em questão.

Walter Liefeld afirma que uma mensagem expositiva tem integridade hermenêutica (reproduz o texto com fidelidade), coesão (sentido do todo), movimento e direção (observa o propósito ou objetivo de uma passagem) e aplicação (observa a relevância da passagem para hoje) (1984:6-7). Sem cada uma dessas qualidades, um sermão não é verdadeiramente expositivo. Algumas pessoas revelam um falso conceito de exposição como se fosse uma simples explicação do significado de uma passagem. Tais sermões se destacam pela presença de retroprojetores com transparências difíceis de entender e detalhes sobre grego e hebraico. Infelizmente, embora as pessoas saiam impressionadas com a erudição demonstrada, suas vidas não são transformadas, e elas se convencem de que jamais poderão estudar sozinhas a Bíblia, mas precisam sempre voltar a cada domingo para ouvir o “especialista”. E com isso estamos de volta à Idade Média! Na verdadeira pregação expositiva, o “horizonte” dos ouvintes deve se fundir com o “horizonte” do texto (cf. a argumentação de Gadamer no Apêndice 1, p. 602-606). O pregador deve se perguntar como o escritor

bíblico aplicaria as verdades teológicas da passagem, se estivesse se dirigindo a uma congregação de hoje.

Haddon Robinson define a pregação expositiva como “a comunicação de um conceito bíblico derivado e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, a qual o Espírito Santo aplica primeiramente à pessoa do pregador para então aplicá-la, por meio dele, aos seus ouvintes” (1980:30). É uma excelente definição e toca em várias questões que já discutimos. Pregadores de nossos dias precisam primeiro ter um encontro com o texto em sua situação original e depois com a significação do significado original para si mesmos. Em seguida, devem transmitir essa significação aos ouvintes, que antes devem ser conduzidos ao contexto bíblico e depois à relevância que ele tem para suas necessidades pessoais. Muitas vezes, os pregadores enfatizam demais um lado ou outro, de modo que o sermão se transforma numa exposição árida ou num passatempo dinâmico. Ambas as esferas, o significado original do texto e a significação para nosso contexto, são essenciais na pregação expositiva, que é o verdadeiro objetivo do empreendimento hermenêutico.

## CONCLUSÃO

O processo de interpretação consiste de dez estágios, que serão considerados um a um neste livro (cf. figura 0.2). A pesquisa exegética pode se subdividir em estudo indutivo (pelo qual interagimos diretamente com o texto para tirar nossas conclusões) e estudo dedutivo (pelo qual interagimos com as conclusões de outros estudiosos e reformulamos nossos dados). O estudo indutivo da Bíblia acontece basicamente na organização do livro e dos parágrafos para determinar o desenvolvimento estrutural da mensagem do escritor tanto no nível macro (livro) quanto no nível micro (parágrafo). Disso resulta uma ideia preliminar acerca do significado e do desenvolvimento do pensamento do texto. Isso é importante para que venhamos a interagir com as ferramentas exegéticas (comentários e outras) numa abordagem crítica em vez de passiva, simplesmente repetindo a opinião de terceiros (algo muito comum nos trabalhos acadêmicos).

O estudo dedutivo lida com os estágios 3-6 como aspectos separados, mas interdependentes, da pesquisa exegética. Nessa fase todas as ferramentas devem ser consultadas — gramáticas, léxicos, dicionários, estudos vocabulares, atlas, estudos de contexto histórico, artigos em periódicos, comentários — a fim de aumentar nosso conhecimento básico sobre a passagem e possibilitar o acesso à mensagem mais profunda, além da superfície do texto. A compreensão preliminar derivada do estudo indutivo e a compreensão mais profunda obtida pela pesquisa interagem e se ajustam ao tomarmos as decisões finais sobre a mensagem original pretendida no texto.

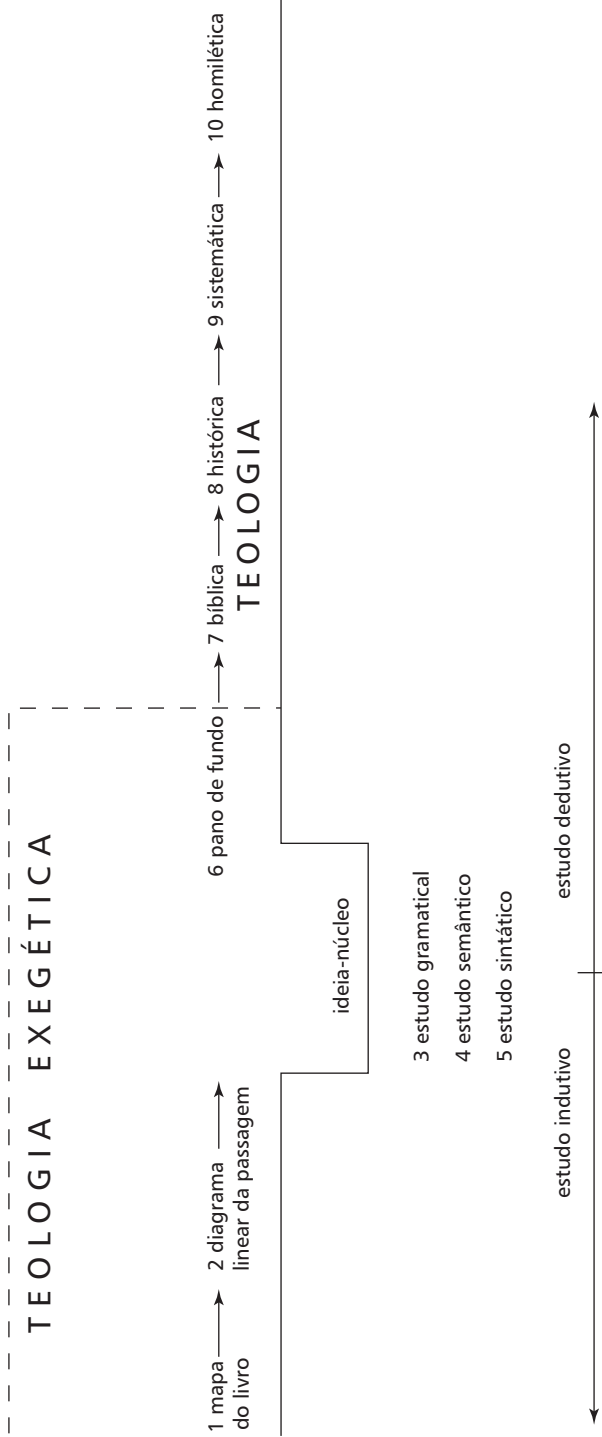


Figura 0.2. Os dez estágios da interpretação

Um dos principais propósitos do estudo dedutivo é nos levar para longe do significado contemporâneo que vemos nas palavras símbolos do texto, significado que, por causa de nossa pré-compreensão e de nossas experiências pessoais, não conseguimos evitar de impor em nossa leitura. Nossa luta, então, é retornar para o significado que o autor pretendia transmitir. Não conseguimos fazer isso sem ferramentas exegéticas, pois, sem essa ajuda, pouco saberemos acerca daquele período antigo. Portanto, precisamos usar os recursos indutivos e dedutivos em conjunto, para que possamos compreender o “significado” do texto.

Por fim, a pesquisa teológica ou contextual completa a tarefa interpretativa, levando-nos do significado textual (o que a Bíblia quis dizer) para o significado contextual (o que a Bíblia significa para nós hoje). A “espiral hermenêutica” acontece não apenas no nível do significado original pretendido, mas na medida em que nossa compreensão se movimenta numa espiral ascendente (por meio da interação das pesquisas indutiva e dedutiva) em direção ao significado pretendido da passagem. Ela também acontece no nível da contextualização, conforme nossa aplicação se movimenta numa espiral ascendente (por meio do movimento que parte da teologia bíblica, passa pela teologia sistemática e chega à teologia homilética) em direção a uma compreensão adequada da significação da passagem para a vida cristã hoje. A teologia bíblica reúne as teologias parciais de passagens e livros específicos numa “teologia” arquetípica de Israel e da igreja primitiva (integrando assim os dois Testamentos). A teologia histórica estuda a forma como, ao longo da história, a igreja tem contextualizado a teologia bíblica para atender seus desafios e necessidades nos vários estágios da história de seu desenvolvimento. A teologia sistemática recontextualiza a teologia bíblica a fim de se dirigir aos problemas atuais e resumir a verdade teológica para a geração de hoje. Por último, a teologia homilética (assim chamada para destacar o fato de que a preparação de um sermão faz parte da tarefa hermenêutica) aplica os resultados de cada um desses passos às necessidades práticas dos cristãos de hoje.

A figura 0.2 é uma adaptação constituída a partir do estudo do processo da tradução feito por Eugene Nida e Charles Taber (1974). A teoria tem por base o pensamento de que a comunicação transcultural de ideias nunca é um *continuum* em linha reta, pois não existem duas línguas ou culturas que estejam tão vinculadas assim. Uma abordagem “literal” ou unitária sempre leva a uma comunicação equivocada. Em vez disso, cada unidade de comunicação precisa se dividir em “ideias centrais”, ou declarações básicas, e depois ser reformulada segundo as linhas das expressões idiomáticas correspondentes e dos modelos de pensamento da cultura receptora. É uma necessidade não apenas no nível básico da tradução, mas também no nível mais amplo da interpretação como um todo. É o aspecto exegético (gramática, semântica, sintaxe)



que traz à tona as ideias centrais, e é o processo de contextualização que as reformula, de modo que elas possam falar com a mesma força na cultura de hoje.

Os leitores notarão que não inseri a discussão sobre gêneros da Bíblia no final do livro (muitos textos de hermenêutica procedem assim, como “hermenêutica especial”), mas depois da apresentação dos princípios gerais da hermenêutica. Uma vez que os gêneros se ocupam principalmente com “o que isso significa” (o significado original pretendido pelo texto), a discussão pertence logicamente àquele ponto. Acima de tudo, cada gênero nos proporciona um “estudo de caso”, reaplicando os princípios exegéticos a cada tipo isolado de literatura bíblica.

## Há um significado original nos textos bíblicos? Como esse significado pode ser traduzido para os dias de hoje? De que forma isso influencia a pregação?

Foi pensando em tudo isso que Grant R. Osborne escreveu a sua obra magistral, *A Espiral Hermenêutica*. Ao perceber as muitas dificuldades que pastores, pregadores e estudiosos da Bíblia enfrentam ao interpretar o texto bíblico, Osborne resolveu propor uma nova abordagem à hermenêutica bíblica. Para o autor a principal premissa deste livro é a de que a interpretação bíblica gera uma "espiral" que vai do texto ao contexto, do significado original à contextualização ou significação para a igreja de hoje. Segundo ele, a espiral é a metáfora mais adequada, pois não é um círculo fechado, mas um movimento irrestrito que vai do horizonte do texto ao horizonte do leitor.

Além de dialogar com as mais recentes teorias da linguagem, bem como propor um novo método de interpretação bíblica, o autor também aprofunda questões de extrema relevância para a hermenêutica tais como: contexto histórico, padrões de retórica, análise gramatical, semântica e exegética, gêneros literários, citações do AT no NT, relações entre a hermenêutica e as teologias bíblica, histórica, sistemática e homilética, e muito mais.

Outro aspecto importante é que *A Espiral Hermenêutica* é uma obra comprometida com a pregação da Palavra. Osborne dedica dois capítulos do livro a mostrar passo a passo como preparar um sermão que, começando com a exegese, leva em conta todas as etapas da hermenêutica.

Enfim, aqueles que estavam em busca de um livro especializado em hermenêutica bíblica agora têm em mãos uma das mais bem conceituadas obras de referência no assunto.